

2. A inscrição

A epígrafe tem como suporte um bloco granítico de grão grosso, de feição retangular (50,2 cm X 35,3 cm X 72 cm), incorporado na ombreira direita de uma porta, no remate da respetiva padieira. À data da identificação, o silhar apresentava o terço superior revestido a cimento, situação que impedia a perceção da sua real dimensão, bem como da extensão da área epigrafada. A remoção da argamassa acabou por confirmar a leitura inicial, muito embora viesse a revelar um notório trabalho de desbravamento, com recurso a pico metálico, certamente com a intenção de adequar o silhar àquele espaço e aprimorar a superfície destinada a receber a gravação. O campo epigráfico possui 32,2 cm de altura e 25,4 cm de largura, sendo parcialmente ocupado por uma inscrição em letra capital que se desenvolve em três regras assimétricas com alinhamento à esquerda. A inscrição foi produzida com recurso a siglas e abreviaturas, sendo evidente a utilização de um único ponto em expoente na primeira regra, sobre a letra «A».

(Fig.2 e 3) Relativamente à métrica, conforme é perceptível pela análise da tabela 1, os dados revelam diferenças significativas entre as duas primeiras linhas e a terceira linha da inscrição, sugerindo, pelo menos, dois momentos distintos para a sua produção.

(Tab.1) De facto, divergências ao nível da altura e forma das letras (espessura e profundidade dos traços) e da inclinação das linhas face ao eixo que se desenvolve perpendicularmente aos limites do campo epigráfico, indiciam que a terceira e derradeira regra terá sido gravada num momento distinto, talvez posterior, reflexão consubstanciada pelo destaque conferido ao til que, para além de rematar o trigramma final indicando a supressão de várias letras, se encontra claramente em desalinho face àquele, alinhando, ao invés, com a base da segunda regra. Finalmente, um derradeiro aspeto a ter em conta no estudo desta inscrição, é a presença de marcas



Fig. 2 - Levantamento da inscrição e respetivo silhar de suporte, com evidências da presença de cimento.

de pico que cortam as seqüências de gravação de algumas letras. Apesar de este facto poder sugerir uma proveniência exógena do silhar e, portanto, um possível contexto de reaproveitamento, a verdade é que, atendendo às características litológicas do silhar em apreço, absolutamente coincidentes com as restantes pedras que compõem o umbral da porta, bem como à organização e distribuição da inscrição pelo campo epigráfico, considera-se que a gravação terá sido produzida *in situ*, sendo as marcas de pico em questão o resultado de uma ação posterior de regularização da parede, destinada a recheiar e argamassar os interstícios.

Linha	Espaçamento Interliterar		Espaçamento Interlinear		Altura das letras		Largura do traço		Profundidade do traço		Inclinação da linha
	Máx	Min	Máx	Min	Máx	Min	Máx	Min	Máx	Min	
1	0,7	—	4,3	0,8	5,6	4,1	0,8	0,5	0,4	0,2	0°
2	1,6	0,6	4,5	0,9	5,6	4,5	1,1	0,6	0,5	0,2	0°
3	2,1	1,9	4,6	1,5	12,1	10,3	1,5	1,1	0,8	0,4	10°

Tabela 1 - Dados métricos da inscrição identificada em Quintãs, Lustosa (Lousada). Medidas em centímetros (cm) e graus (°).



Fig. 3 - Aspeto geral do umbral da porta e respetiva epígrafe. Pormenor da epígrafe com luz rasante (direita-topo); pormenor da epígrafe com levantamento monocromático (direita-base).

3. A interpretação

A inscrição em estudo apresenta a seguinte transcrição:

LO
XP̄ĀO
—
IHS

Tratando-se de uma inscrição que surge em contexto doméstico, numa estrutura modesta do ponto de vista arquitetónico e sem qualquer relação aparente com espaços religiosos conhecidos, afigura-se difícil a sua contextualização crono-cultural e, por conseguinte, a sua descodificação. O estudo da

inscrição não permitiu, por isso, e como se depreende da leitura apresentada, atribuir um sentido à primeira regra da inscrição: «LO»

A leitura da inscrição é a seguinte:

LO(?)
XP(ιστός) A(lfa) O(mega)
I(esus) H(ominum) S(alvator)

A tradução da inscrição resulta no texto:

[...] **Cristo é o princípio e o fim. Jesus Salvador dos Homens**

A utilização em sucessão do *cristograma de Constantino* e do *trigrama do nome de Jesus*, sugerem

que o autor conhecia e dominava o sentido de alguns símbolos cristãos antigos ainda que, no decurso da sua transposição para o suporte epigráfico, algumas siglas, nomeadamente gregas, tenham sido latinizadas (no caso do ómega, por exemplo, optou-se pela sigla latina «O» em vez de da grega «Ω» ou «ω») talvez para facilitar a sua gravação, tanto mais que o próprio cristograma se apresenta decomposto nos seus diversos elementos sem evidências da habitual sobreposição da abreviatura «XP». Com efeito, na iconografia prevalecente, o *cristograma de Constatino* é formado pela sobreposição das duas primeiras letras da grafia da palavra grega «Cristo» (Χριστός), à qual se associam, frequentemente, os símbolos gregos alfa (Α/α) e ómega (Ω/ω)¹ apostos, respetivamente, à esquerda e à direita do monograma, por vezes sob uma barra horizontal lembrando a cruz e inserta num círculo (Feuillet, 2005:115) (Fig.4). Não sendo clara a intenção do autor no uso decomposto deste monograma, tanto mais que o registamos amiúde na sua versão gráfica original em diversos moínhos de água estudados na região de Lousada (Nunes e Lemos, 2014:4), supomos que a sua utilização no processo de sagração deste espaço doméstico possa resultar da necessidade de empregar um símbolo da fé cujo reconhecimento imediato, não estando ao alcance de todos, fosse, ainda assim, objeto de valorização por força da mensagem esquemática que encerra.

Relativamente ao derradeiro monograma desta inscrição (IHS), Édouard Urech (1972:92-93) indica que o uso das letras IHS como abreviatura do nome de Jesus (*ihsous* no alfabeto latino) remonta à cópia dos manuscritos gregos do Novo Testamento, quando os copistas começaram a abreviá-lo de diferentes formas: com a primeira e última letra (ιη); ou com as duas ou três primeiras letras (ιης, ΙΗΣ em caracteres maiúsculos). Sobre qualquer uma destas abreviaturas colocava-se sempre um traço horizontal que

indicava a supressão de várias letras. Esta opinião é corroborada por Michel Feuillet (2005:153). Segundo o autor, este trigrama tem origem nas letras gregas ΙΗΣ (iota, êta e sigma), correspondente a ΙΗΣΟΥΣ «Jesus». Durante a Idade Média, o sigma final grego acabou por ser substituído pelo correspondente «S» do alfabeto latino enquanto o êta grego, devido à sua similitude com o «H» acabou por se manter e fixar, dando origem à transliteração «IHS» que Feuillet interpreta como *lesus Hominum Salvator*. No entanto, este trigrama tem sido interpretado como acrónimo de diversas outras frases², incluindo aquela que, a partir do século XVI, por mão dos Jesuítas, se tornará universalmente reconhecida: *lesum habemus socium* (temos Jesus por aliado). Ainda assim, no caso desta última versão, é usual a iconografia jesuítica apresentar o trigrama com uma cruz latina que assenta sobre a letra H, razão pela qual julgamos que no caso em apreço o desdobramento de IHS não deve ter como pressuposto a máxima celebrada pela ação da Companhia de Jesus.



Fig. 4 - Representação esquemática do Cristograma de Constantino.

Bibliografia

BARROCA, M. e ALARCÃO, J. (2012) - *Dicionário de Arqueologia Portuguesa*. Porto: Figueirinhas.
 CHEVALIER, J. e GHEERBRANT, A. (2010) - *Dicionário dos Símbolos*. Lisboa: Editorial Teorema.
 FEUILLET, M. (2005) - *Léxico dos Símbolos Cristãos*. Lisboa. Publicações Europa-América
 NUNES, M. e LEMOS, P. (2013) - *Lustosa, Património e Identidade*. Lustosa: Junta de Freguesia de Lustosa

NUNES, M. e LEMOS, P. (2014) - Estudo dos *grafitos* nas moagens tradicionais dos rios Sousa e Mezio (Lousada): métodos, procedimentos e resultados. Suplemento de Arqueologia. *Revista Municipal de Lousada*. Ano 15. 3ª Série. N.º 116. Lousada: Câmara Municipal de Lousada. p.1-4.
 URECH, É. (1972) - *Dictionnaire des symboles chrétiens*. Neuchatel, p.92-93.
 RÉAU, L. (2000) - *Iconografia del arte cristiano*. Tomo I. Vol. II. Barcelona, p.33-34

¹ Segundo a tradição cristã, que não encontra eco na narrativa histórica, o imperador Constatino (*Flavius Valerius Constantinus*) obteve a sua vitória sobre Maxêncio (*Marcus Aurelius Valerius Maxentius*), em Ponte Milvia, perto de Roma, em 28 de outubro de 312, depois de ter mandado gravar o monograma de Cristo no seu estandarte.

² Na opinião de Louis Réau (2000:33-34), o trigrama IHS não provém do grego, tratando-se, simplesmente, de uma abreviatura de *Ihesus*, a ortografia habitual do nome de Jesus na Idade Média.